

**Entre a saudade e o riso, o “Poeta do cafezal” dá lugar a poética da voz
e da memória à Sena Madureira**

*Between nostalgia and laughter, the “Poeta do Cafezal” gives place
to the poet’s voice and memory to Sena Madureira*

Jirlany Marreiro da Costa BEZERRA¹
Silvania Pinheiro DINIZ²

Resumo

Com o objetivo de abordar as narrativas orais e a memória de personagens da literatura amazônica, a partir de uma perspectiva da poética da voz e da escrita, o presente artigo discorre sobre várias obras do poeta acreano Mauro Modesto, natural do município de Sena Madureira, no estado do Acre, lugar de vivências, saberes e inspirações para o autor que através de centenas de poesias, em parte dedicada à saudade e a memória de sua terra natal, à família e aos amigos, manifestou o pensamento e o conhecimento dos sujeitos e das tradições que permeiam a Amazônia acreana. Nesse sentido, como forma de compreensão do passado, a partir dos conceitos de memória e identidade, o trabalho discorre sobre os estudos e práticas literárias tendo as poesias e versos de Mauro Modesto como objeto, sendo expostos como referências autores como: Zumthor (1997; 2000); Benjamin (1985); Lowenthal (1998); Glissant (2005); Hampâté Bâ (2003).

Palavras-chave: Amazônia. Literatura. Poesia. Saudade. Sena Madureira.

Abstract

With the objective of approaching oral narratives and the memory of characters from Amazonian literature, from a perspective of the poetics of voice and writing, this article discusses several works by the Acre poet Mauro Modesto, born in the municipality of Sena Madureira, in the state of Acre, a place of experiences, knowledge and inspiration for the author who, through hundreds of poems, partly dedicated to the nostalgia and memory of his homeland, to family and friends, expressed the thoughts and knowledge of the subjects and traditions that permeate the Acre Amazon. In this sense, as a way of understanding the past, based on the concepts of memory and identity, the work discusses the studies and literary practices having the poetry and verses of Mauro Modesto as

¹ Doutoranda em Letras - Linguagem e Identidade, pela Universidade Federal do Acre – UFAC.
E-mail: jirlany.bezerra@sou.ufac.br

² Mestre em Letras - Linguagem e Identidade, pela Universidade Federal do Acre (UFAC).
E-mail: silvaniapineirodiniz@gmail.com

object, being exposed as references authors such as: Zumthor (1997; 2000); Benjamin (1985); Lowenthal (1998); Glissant (2005); Hampâté Bâ (2003).

Keywords: Amazon; Literature; Poetry; Miss; Sena Madureira.

Introdução

Os estudiosos do campo da história, literatura e memória são em si mesmo, em dados momentos, os autores e personagens de narrativas que reproduzem em tempos passados, presentes e futuros as vivências, saberes e contações de práticas sociais e culturais que atravessam as vidas e os espaços dos sujeitos que movem a dinâmica da vida em sociedade. Nesse sentido, o viver e o saber são traduzidos por meios diversos que utilizam a linguagem como instrumento de transmissão de pensamentos e conhecimentos, sendo a literatura e a arte da poesia algumas das formas criativas, receptivas e transmissivas das tradições culturais, entre elas nas comunidades tradicionais da Amazônia Sul-Occidental.

Partindo, das discussões em torno da literatura, oralidade e poesia oral foram utilizados várias perspectivas que pudessem compreender o sentido, a voz e a poesia e os diferentes aspectos do universo literário. Essa temática, é também abordada por Eduard Glissant em “*Introdução a uma poética da diversidade*” de (2005), onde o teórico decolonial problematiza a transição escrita/oralidade acerca do relativismo em oposição ao absoluto, levando o poeta/escritor a escrever de forma monolinguística até o século XIX (Glissant, 2005).

O crítico literário, historiador da literatura e linguista suíço, Paul Zumthor, em sua obra “*Introdução à poesia oral*” de (1997), aborda uma visão comparativa sobre a tradição oral em diferentes grupos sociais de diversos continentes, entre eles a África, percorrendo sobre as conexões entre tipos de poesia e de sociedade. As diferentes concepções de Zumthor (1997) sobre a poesia oral traz a semelhança do significado potencial da poesia oral durante o seu funcionamento, centrando assim, o significado do som durante a performance, expandindo, dessa maneira a expressão da poesia.

Os pensamentos de Zumthor (1997), acerca das interpretações da presença da voz e da oralidade nas expressões poéticas têm contribuído sobremaneira para compressão e aceitação da linguagem literária em seus múltiplos universos de sentidos, significados e

saberes, reconhecendo os valores das práticas literárias para as mais variadas culturas e sociedades. Para o autor a teoria literária tanto apropria-se, quanto permite-se apropriar-se de diversas áreas do saber histórico, antropológico, sociológico, filosófico, semiótico e linguístico:

Nessa tarefa de desalienação crítica, o que tenho de eliminar logo é o *preconceito literário*. A noção de “literatura” é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização europeia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje. Eu a distingo claramente da ideia de poesia, que é para mim a de uma arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas (Zumthor, 1997, p. 12).

Em seus escritos na obra “*Performance, recepção, leitura*” (2000), Zumthor descreve “[...] a literatura como uma das manifestações culturais da existência do homem” (Zumthor, 2000, p. 46). Portanto, através do sistema organizado denominado “arte” expresso pela comunidade, eles obtêm a existência e garantia permanente através da ordem da sociedade em que vivem. Para o crítico, essa ordem da literatura e da poesia não é garantida, mas seus elementos constituintes mostram a necessidade de convergir para a manutenção da existência, são reconhecidos como tais textos, e com isso, os produtores e iniciadores tornam-se públicos determinados (Zumthor, 2000).

O pensador e crítico literário, Walter Benjamin problematizou as vertentes do romantismo alemão, do messianismo judeu e do marxismo, cruzando a nostalgia dos tempos passados com os sonhos dos tempos vindouros, abordando a problemática “narrativa e narrador”, ao apresentar em sua obra “*Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e arte da cultura*” (1985), ao mencionar o personagem Nikolai Leskov, um narrador que tem como homem ideal o indivíduo que abraça o mundo sem amarras ao sistema que o move, constatando que é intrínseco ao narrador os produtos das experiências humanas transmitidas por ele. Ao dizer que “[...] a memória é a mais épica de todas as faculdades” (Benjamin, 1985, p. 210).

O filósofo Walter Benjamin suscita a reflexão de que a narrativa é em si só um trabalho artesanal, que leva o pensador a questionar que a arte não é mais trabalhada e retrabalhada até seu ápice como natureza. Os elementos sabedoria, informação e experiência, esvazia-se quando se faz necessário buscar a compreensão e o resgate das narrativas e narradores que estão em vias de extinção.

Já para o historiador Jaques Le Goff, aponta em seu livro *“História e Memória”*, (1992), que um dos meios fundamentais de problematizar o tempo, a história e a memória, é através do passado narrado pelas vivências e saberes de outrora. Enfatizando, que a história tornar-se um gênero literário, por ter em sua essência, a arte e a ciência interligados (Le Goff, 1992). Dessa maneira, observa-se que a memória é um dos tênues caminhos para compreender o passado, suas reminiscências, lembranças e recordações como algo ininterrupto, conforme descreve Lowenthal (1998), que através de suas teorias apresenta a importância do conhecimento da memória, e dessa forma busca a compreensão para o sentido de identidade dos sujeitos que revivem consciências do passado.

Tais, pensamentos introdutórios dos autores descritos vem para contextualizar esse artigo que retrata de maneira acessível, clara e perceptível a importância que cada narrativa, neste caso em forma de poesia de Mauro Modesto dar ao mencionar as suas vivências, as suas memórias e profundidades dos seus pensamentos ao longo da vida. Portanto, esse texto tem como objetivo trazer as narrativas desse pensador/escritor/poeta da Amazônia acreana através de uma entrevista concedida as autoras, assim como citações de seus trabalhos.

Oh, menino! Oh, Mauro! Oh, Sena!

Sem a lógica de fatos e momentos, a literatura é atemporal e dona de si. Não domina o tempo, o espaço e o ser a quem ela mesmo se atreve a possuir. E, assim, tal como a África de Hampâté Bâ, em *“Amkoullel, o menino fula”* (2003), a Sena Madureira do poeta e escritor, Mauro Modesto, o faz rememorar os cantos, as danças, as rezas, os ritos e os mitos de sua infância, ao pensar que cada “[...] criança está imersa em um ambiente cultural particular, do qual se impregnará segundo a capacidade de sua memória” (Hampâté Bâ, 2010, p. 201).

Nosso poeta, criado às margens do Igarapé Cafezal no município de Sena Madureira no estado do Acre, refaz em suas memórias as brincadeiras de menino, os banhos e as lavações de roupas da mãe Iracema Modesto, rememora em suas dezenas de livros a magia do tempo, da presença e dos afetos de sua infância. Ao pôr-do-sol de uma quarta-feira, em sua bucólica varanda rodeada por flores, uma narrativa³ percorreu a tarde

³ Momento durante entrevista concedida pelo escritor/poeta no dia 08 de dezembro de 2021.

com recordações de uma meninice ávida por aventuras, tomada pela alegria e a magia de ser e do ser criança. O Poeta rememora o sonho, a infância, a mãe, seus poemas e versos que vagueiam entre a saudade e o riso do também conhecido “Príncipe dos Poetas” acreanos.

Entre falas abertas e sentimentos profundos, um diálogo com as autoras deste artigo, o inspira a revelar suas memórias de infância em cenários festivos e radiantes, e assim o poeta senamadureirense tece por vozes humanas o passado e o presente, o sagrado e o profano, entrelaçando extremos de sua capacidade de narrar ao ato de rememorar. Mauro Modesto, em seus escritos apresenta os enunciados de sua própria história. Rememora, assim como relata Benjamin (1985), e debruça-se sobre sua experiência e conseqüentemente marca a narrativa sobre si próprio e sobre outros sujeitos (Benjamin, 1985). Bem como, o poeta se autodescreve:

Eu me considero um dos meninos do Cafezal! De vez em quando eu cito. É tanto que eu sou considerado o Poeta do Cafezal, eu me criei no Cafezal. Mamãe ia lavar roupa no verão. Ela enchia aquelas bacias. Tu lembra daquelas bacias?⁴ Ela levava uma e eu levava outra. Ela ia na frente, eu atrás. A água era limpa, azulzinha, maravilhosa... A gente bebia água, tomava banho, lavava roupa, pois não havia despejo de esgoto. O Cafezal era vivo, totalmente limpo, e a nossa única diversão. Mamãe dizia: Mauro, leva a roupa lá pra cima. Lá em cima existia uma planície que ia até a casa do seu Zé Leite, um dos primeiros crentes da Igreja Batista. Lá, eles tinham uma serraria. Eles plantavam feijão, milho, muito milho! Lá, eu estendia a roupa na grama baixinha, Aí, eu colocava a roupa no coradouro. Lembra do coradouro? Eu estendia a roupa, depois descia e pegava sol. Eu era peralta! Era muito peralta! Aliás, todos os meninos do Cafezal eram muito peraltas. Tinha que ser peralta, ou o jacaré te comia...rsrs (Entrevista de Mauro Modesto. Rio Branco – Acre. Dia 08 de dezembro de 2021).

Dessa maneira, ao observamos que a partir da África, das Américas, a Amazônia remete seus sujeitos à memória das vivências e saberes de seus ancestrais, construindo a partir de si e do Outro identidades que percorrem os mundos humanos e suas tradições. A trajetória do poeta Mauro Modesto e seu romance com sua Sena Madureira de infância compreende uma memória viva que se ressignifica por meio de sua voz e corpo num plano que perpassa o visível e o invisível. No poeta, como em tantos outros, encontra-se um guardião da memória e do saber das multiplicidades e diversidades de gentes amazônicas.

⁴ As perguntas realizadas pelo poeta as autoras durante a entrevista, ocorre pelo fato das mesmas serem nascidas na mesma cidade natal do poeta.

Em seus relatos, o homem-menino volta ao tempo, num olhar distante e em um riso feliz conta a própria vida se fazendo, estimulando seus pensamentos, e assim despertando seus dons e talentos natos a reconstituir o apego a um lugar, tempo e experiências que não morrem dentro de si. Nesse sentido, a oralidade vive e resiste na poesia de Mauro Modesto, tal qual seu romance com sua originária Sena Madureira refletem uma memória e identidade fascinada e enamorada como descrito no poema intitulado “*Desejo que me fascina*”, publicado na obra “*Neblina de Saudade*” (2004), no qual homenageia o centenário de Sena Madureira.

Nestes cem anos de existência, os versos do teu poeta, nesta saudação, são saídos da alma, do coração, de saudade que faz derramar nostalgia, de novos sentimentos, de inspiração. Sempre fostes o doce beijo, tantas poesias, o laço santo que prendestes os teus filhos, o eco de boas lembranças, belas imagens, altar e foliar, pérola lapidada, ferramenta de leveza, fruto de beleza escancarada. Sena Madureira tu és a flor do Iaco, uma rosa, uma flor, que dentro dela mora a saudade, um, dois, três, uma dúzia, centenas de poemas de felicidade. Meu suspiro maior, paixão maior, não és o ponto de partida, e sim de chegada, outono da vida, tempo de colher, saudade da cor da purpurina, harmonia e fulgor, culto maior do amor [...] (Modesto, 2004, p. 82 – 83).

Portador da história e da memória de seu berço – Sena Madureira, o poeta utiliza a poesia, como meios para conservar, resgatar e disseminar os costumes e tradições da sua comunidade, sendo o próprio transmissor da herança histórica, cultural e social do seu povo. O escritor vive e revive os tempos, resistindo ao que Benjamin (1985) relata como a queda da narrativa. Assim, Modesto (2004) tem na poesia uma forma de expressão da cultura, ressignificando suas memórias, sua consciência e os seus valores, vividos por meio das suas vivências de meninez, da família pobre, da mãe de olhar e toque afável, que gerou e criou quatorze filhos num território às margens do rio Iaco, composto por oitenta a cem casas na década de 1950.

Dessa forma, a memória e obra do “Poeta do Cafezal” se constitui principalmente através da saudade, sendo a vertente de sua terra a fonte principal de seu objeto social e estudos históricos. Ele mesmo, é produtor dos saberes e reminiscências do seu lugar de origem, por meio da poesia e da escrita, que conforme Zumthor (2000) “[...] produziu um encontro saboroso entre a linguagem poética e a técnica extraordinária da escritura que ela encontrou em seu caminho” (Zumthor, 2000, p. 49).

E ao significar seu tempo de outrora, Mauro Modesto rememora seu poema intitulado “*Meu inesquecível Cafezal*”:

Todas as vezes que vejo a lua clarear, meus sonhos se completam; banha de alegria a minha amargura; transforma os meus versos em amor e ternura. Meu coração; fica em estado de louvor, meu peito chora, chora de amor. A minha poesia busca felicidade, meus pensamentos de infância surgem como gotas de encanto, recorda a santa e milagrosa natureza, vejo-te meu, somente meu formoso e belo, belo com ar de singeleza. Não sei o porquê quando vejo a lua clarear penso na vida, na morte, na despedida, na estrada florida que tenho a percorrer. Penso em Deus, penso em você. Todas as vezes que vejo a lua clarear, volto ao tempo de criança às paixões ocultas revivo os meus segredos, o suspiro das tuas flores puras, as histórias de ontem, de hoje e futuras...

Imagino sonhos com as bordas de ouro de amor, de contentamento diviso o meu olhar, na luz da tua alvorada que me leva, aos teus caminhos santos às minhas belas e tristes recordações...

Tudo é muito engraçado...

Quando vejo a lua clarear, transporto-me para a minha Sena Madureira. Vejo-me catando goiaba, maracujá-do-mato sentindo o sabor do primeiro beijo tendo o Cafezal como testemunha. Ah! Quanta loucura... quanto desejo!

Neste sonho que vale uma eternidade, que felicidade!

Encho min”alma de boa ventura. Cafezal, berço de realeza e ternura.

Quando vejo a lua toda bonita, faceira, clareando o verde da minha esperança, sinto uma saudade fenomenal, penso no regresso ao meu Cafezal. E de tanto sentir saudade no coração, brado aos deuses, dizendo...

Longe de ti, meu Cafezal, morro de nostalgia e solidão (Modesto, 2012, p. 77 – 79).

O presente poema é fruto da sua obra “*Saudades Ocultas na Linha do Horizonte*” (2012), onde descreve as belezas naturais e singelas do igarapé que inspirou inúmeros poemas e versos cantados e sonhados pelo escritor ao longo de mais de sessenta anos de vida dedicado à literatura acreana e brasileira. Para o poeta “[...] você aprende a nadar, aprende a pescar, e o Cafezal não dava peixe. A vida da minha infância era essa: tomando banho no Cafezal, indo caçar maracujá-do - mato...”. (Entrevista de Mauro Modesto. Rio Branco – Acre, 08/12/21).

E foi pelo interior do poema “*Meu inesquecível Cafezal*” (2012), que Mauro Modesto remonta à felicidade dos tempos de criança, o saltar dos galhos, o nadar nas correntes das águas do seu Cafezal e, ali, ao lugar da memória descoloniza a mente para romper com seu tempo e espaço, numa relembração que o leva de volta às emoções de

menino, filho, colega, estudante ou simplesmente o ser que sonha, caminha e segue o curso de suas vivências, consciente de que é em seu ser a soma de seus momentos.

Entre seus diversos escritos sobre o Igarapé Cafezal, compreende-se o motivo que inspirou o irmão mais novo, Ulisses Dávila Modesto, a referir-se à vocação de Mauro Modesto para a poesia. Conforme relata Ulisses⁵, a poesia de Mauro nasceu da brisa fresca do Purus, subia no Iaco, entrava pelo Cafezal e chegou até seu irmão, com auxílio da brisa do Iaco e do Macauã. Os percursos da vasta inspiração dos dons do “Poeta do Cafezal” também remetem a majestosa bacia hidrográfica de Sena Madureira, tal qual tantas outras fontes que traduzem o amor e a saudade por sua terra natal.

Da saudade à esperança, nascem as narrativas do “Príncipe dos Poetas”

A célebre obra *“Toda Saudade, Tem Um Nome”* (1990) de Mauro Modesto, deslinda os fragmentos que inspiram seu viver e sua poesia repleta de saudade não somente dos lugares e dos instantes, mas de um ser chamado “mãe” o qual o poeta despeja todos os afetos e doces lembranças de sua infância. É em suas narrativas, palavras e poemas que ele se debruça na origem do sentido de amar e doar-se ao próximo. O eu-poeta canta a paz, a esperança, a alegria entre a vida e a morte daquela que foi e é uma das musas inspiradoras dos seus mais formosos e reentrantes versos: *Iracema D’ávila Modesto, Dona Bezita, a mulher, mãe e menina* que une as notas musicais que harmonizam o ser e o sendo do poeta.

No poema intitulado *“Saudade que se chama mãe”* (1990), Modesto revela uma alma e um coração que traduz em palavras o banzo de suas reminiscências. O “Soldado da Esperança”, “Soldado da Poesia”, “Poeta de Branco”, “Príncipe dos Poetas” e, em sua mais esplêndida essência, o “Poeta do Cafezal” declara sua melancolia, ao dizer:

Quanta saudade de minha mãe. Saudade imensas dos seus carinhos.
Saudade sinto da sua mão. Dos seus abraços me apertando o coração.
Sinto saudades mil. Do jardim da rosa-flor. Sinto falta de tudo. Dos seus encantos.
Do seu eterno amor. Saudades tenho tantas. Sinto o passado retornar.
Vejo a vida, sinto a infância. Nos seus braços a me apertar.
Saudade do seu afeto. Saudade da meninice. Saudade de tudo que vejo.
Sinto, almejo. Sinto falta dos teus beijos. Ô mãe, aparece. Da-me seu perdão.
Por favor, não me esquece. Acalenta minh’alma. Cantando qualquer canção.
Quanta saudade de minha mãe. Saudade imensa dos

5 Prefácio do livro: *Neblina de Saudade*, (2004), onde o irmão mais novo de Mauro Modesto, descreve algumas características do Poeta do Cafezal.

seus carinhos. Saudade sinto da sua mão. Dos seus abraços. Me apertando o coração (Modesto, 1990. p. 79-80).

Este tradutor do amor, movido a saudade e chamado de doido por muitos que na década de 1970 observavam seus movimentos em busca de consolidar a literatura no Acre tornou-se mestre na arte da cultura e doutor na poesia, escreveu seu primeiro livro aos 16 anos quando ainda estudava no Rio de Janeiro, perdido em uma alagação no bairro Flamengo, conforme relata o escritor na obra *“Brava Gente Acreana v.I”* (2008):

As pessoas hoje falam: Mauro eu me lembro de você, pois você andava fazendo concursos de poesia e escrevia uma página no Jornal O Rio Branco, tinha uma coluna falando sobre cultura e naquela época as pessoas diziam que você era doido. Mauro Modesto é doido, negócio de poesia, com negócio de literatura, com negócio de cultura, onde é que esse rapaz quer chegar? E tem um amigo nosso que quando eu fundei a Casa do Poeta Acreano, eu e o Élcio Rodrigues, perguntaram para ele, amigo nosso, amigo comum: escuta, esse Mauro Modesto é doido mesmo, né? (Senado Federal, 2008, p. 91).

Com a fuga de casa aos 15 anos de idade rumo às fantasias da poesia, Mauro Modesto iniciou suas travessuras na “fábula” que contou à mãe ao dizer que estaria mudando-se para morar na capital acreana, Rio Branco, quando na realidade alçaria voos mais distantes, em seus sonhos, a Cidade Maravilhosa. Foi lá que conheceu o espírito da vida poética, abrindo caminhos para um legado em defesa do desenvolvimento da educação, da cultura e da arte de sua própria gente, tal qual afirma que é necessário “[...] preparar o homem, quando eu falo preparar a criança, você está preparando homem de amanhã” (Senado Federal, 2008, p. 92).

Levado pela crença de que o passado nunca está morto, o “Poeta do Cafezal” tece as colchas de retalhos dos seus pensamentos ressignificando suas ideias passadas, pois somos sujeitos históricos, culturais e que possuem sentimentos imbricados nesses contextos, assentindo que aquele que faz, é o próprio transmissor de saberes, construindo-se o sujeito a partir de suas leituras e percepções acerca do lugar e espaço onde vive.

Perseguindo seus ideais, visto por alguns como quimera, Mauro Modesto realiza, sim, o que em muitos instantes foram tidos como devaneios, e que atualmente o rol de poetas e demais amantes da arte e dos saberes colhem as sementes: Academia Acreana de Letras, Instituto Histórico Geográfico do Acre, Casa do Poeta Acreano, Academia de Letras de Sena Madureira, Academia de Letras e Artes de Senador Guimard, Academia

de Letras e Artes de Plácido de Castro, Academia de Letras e Artes de Brasília e a Academia de Letras e Artes de Xapuri. E foi o menino do Cafezal, filho da dona Bezita o jardineiro desses frutos.

Um jardim de relatos sobre amor e saudade

O autor poeta possui várias publicações ao longo dos anos, nas quais compõem um acervo de dezenas de livros oriundos dos seus processos de reflexões, de pensamentos, de saudades dos tempos passados e desejos futuros, sejam eles em sua terra natal, Sena Madureira no Acre, seja pelos cruzamentos territoriais e relacionais que obteve ao longo da sua existência.

Na década de 1980 a 1990, o autor publicou quatro livros que foram “*Por quê*” (1985), cujos textos marcam a relevância da existência, do querer saber, do querer ser, infiltrado nas emaranhadas especulações que a época mostrava-se e denotava-se. Em seguida faz parte da organização do livro “*Antologias dos poetas Acreanos*” (1986), cuja referência abarca outros olhares e visões de outros poetas da Amazônia acreana e em seguida foi publicado pela editora Shogun o livro “*Poetas Brasileiros de hoje*” (1988) tendo a poesia “*Esperança de esperar*”⁶, reconhecimento nacional, pois ficou em 1º lugar no VII Concurso Raimundo Correa de Poesia no Rio de Janeiro. Ademais, no ano de 1990 publica o livro “*Toda saudade tem um nome*” tendo como menção as qualificações do autor ao ser citado como fundador das casas dos poetas acreanos de Sena Madureira e de Tarauacá e Membro da Academia Acreana de Letras, todas essas obras demonstram de maneira significativa a expressão simples de um pensamento e que nos motiva a questionarmos o sentido de muitas relações em nossa vida.

Nos anos 2000, o autor poeta agrega em seus acervos dois livros, entre eles, “*Pedaços de Amor e de Saudades*” cujas indicações dos poemas “*Pingos de solidão*” e “*Relembanças*”, concedeu-lhe o título de Príncipe dos poetas pela Casa do Poeta Acreano. Assim como, o livro “*Respingo de paixão e de saudade*”, tendo em sua abertura

⁶ Entre o meu olhar. Chamando por você. Entre a minha alegria. Querendo morrer. Entre as lágrimas. Caídas no chão. Entre os abraços. Que se foram. Entre o meu olhar tristonho. Do meu coração. Entre as sombras. Dos pensamentos vazios. Entre a minha dor navegante. Entre o meu sol. Se espargindo no horizonte. Entre o soluço. Atravessando na garganta. Entre as flores do jardim. Entre as pedras cortantes. Entre os beijos. Que não vieram. Entre o meu cansaço. Já cansado. Entre a dança das borboletas. Entre o meu poema dilacerado. Entre o meu beijo. Mal beijado. Entre a minha inspiração. Querendo ir embora. Entre as canções. Da chuva lá fora. Entre a tantas loucuras... A esperança de morrer. E depois de morto. A esperança. De esperar por você (Shogun editora e arte LTDA, Rio de Janeiro, 1988, p. 93).

a poesia “*Respingo de paixão e saudade*” escrita por Ulisses D’avila Modesto, onde tornou-se o título do livro, bem como a poesia igualmente reconhecida “*Maria de Sena Madureira*”. Ambas as obras configuram a originalidade do autor poeta, tecida por vivências e pessoas que correm, andam e flutuam no mitigar da vida, transcritas através do olhar puro e harmônico do poeta.

Além dessas obras já citadas, é importante referenciar mais uma vez o livro “*Neblina da Saudade: poesias*” de (2004), obra extremamente relevante, pois homenageia a sua cidade natal Sena Madureira, pois tornava-se naquele ano centenária e cujas poesias “*Desejo que me fascina*” demonstra a sua lealdade e admiração a sua terra, bem como a poesia “*Mãe, alma gêmea da felicidade*” dedicada a sua mãe prefiguram a maestria de citar e relembrar momentos marcantes de sua vida. Tais, poesias discorrem sobre a terra natural e precisa, saudada pelas suas lembranças e reconhecimentos de lugares e prazeres vividos.

Ainda nessa década de 2000 o autor poeta publica “*Dicionário de termos populares do Acre: pesquisa linguística*” de (2006), é citado na obra “*Brava gente acreana, volume I*” de (2008) e na obra “*Do outro lado do monte*” de (2009), consolidando de forma incontestável a sua importância na academia ao ganhar a Medalha de Mérito Cultural Ambiental “Francisco da Silva Nobre” e a Medalha do Mérito Cultural “Austregésilo de Athayde”, sendo descrito no livro as suas proezas e singelezas literárias através de várias personalidades do estado do Acre. Nesse mesmo livro, o autor cita que a poesia “*Tão bela quanto a flor*”, demonstrando mais uma vez o amor a sua cidade Sena Madureira.

Por fim, cito como já mencionado os livros “*Saudades ocultas na linha do horizonte: poesias*” de (2012), tendo como referências as poesias “*Saudade permanente*” e “*Meu inesquecível Cafezal*”, o livro “*Saudades tuas, saudades minhas: poesias*” de (2013), demonstrando mais uma vez as homenagens a sua família e a sua origem através das poesias “*Saudades, lágrimas e poesia*”, “*Vermelha... como a cor da minha saudade*” e “*Pedaço da natureza, vestida de veludo cetim*” e o livro “*Confidências*” de (2015), cuja obra foi compartilhada com Edir Figueira Marques.

Todas essas obras marcam o pensamento de um autor poeta que vive, que vibra e revive constantemente sentimentos e purezas de uma vida marcada por lembranças saudosas e importantes, dado aí o reconhecimento de ser chamado de o “Poeta da Saudade”.

Considerações finais

O presente texto se propôs a relatar um pouco das obras e pensamentos do autor/poeta Mauro Modesto, por entender que as narrativas, poemas e poesias contadas e declaradas ao longo da sua vida, possuem uma relevância e pertinência a serem divulgadas e contadas.

Fica claro, que a passagem de relatos e pequenos trechos dos poemas citados não dignificam as obras que o poeta possui, assim como, as suas contribuições no campo da literatura e da poesia. No entanto, ao pensarmos nesse artigo propusemos expor o quanto o “Poeta do Cafezal”, o “Poeta da Saudade”, significa para a Amazônia acreana, tendo ele reconhecimento como já citado em várias academias.

Portanto, ao imprimir os nossos olhares para a delicadeza, a simplicidade e a humildade do autor, escritor, poeta Mauro Modesto, assim como para as suas obras, identificamos a necessidade de dialogar e tentar através das leituras e reflexões expostos através dos estudos sobre – Oralidade, Tradição oral e Literatura oral mostrar a importância da história, da memória e da própria oralidade dentro dessas concepções poéticas.

Desta forma, compreende-se que não existe mundo humano sem a tradição oral, mesmo que sejamos levados a racionalidade letrada, pois somos sujeitos de sentidos e sentimentos. Ao trazer a história, a memória e poesias de Mauro Modesto, observa-se que somos levados inicialmente a letra, porém pela poesia contada e descrita, as nossas memórias junto com o autor/poeta misturam-se ao lembrarmos e falarmos igualmente de lembranças de um passado que continua presente em nossas memórias e por que não identidades.

Referências

ANTOLOGIA DOS POETAS ACREANOS. Fundação cultural – Casa do poeta acreano, 1986.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HAMPÂTÉ BÂ, A. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athenas: Casa das Áfricas, 2003.

HAMPÂTÊ BÂ, A. A tradição viva. In: **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Editado por Ki-Zerbo. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.

WALTER, B. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e arte da cultura**. Obras Escolhidas. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LOWENTHAL, D. **Como conhecemos o passado**. Projeto História, v.17. São Paulo, 1998.

MODESTO, M. **Por quê? Crônicas, poesias**. Rio de Janeiro. Shogun Editora e Arte Ltda. 1985.

MODESTO, M. **Toda saudade, tem um nome**. Rio Branco: Gráfica Estrela, 1990.

MODESTO, M. **Pedaços de amor e de saudade: poesias**. Rio Branco: Bobgraf, 2000.

MODESTO, M. **Respingo de paixão e de saudade**. Rio Branco: Printac, 2000.

MODESTO, M. **Neblina de saudade**. Rio Branco. Ed. Preview Ltda. Bobgraf, 2004.

MODESTO, M. **Do outro lado do monte**. Rio Branco: Bobgraf, 2009.

MODESTO, M. **Dicionário de termos populares do Acre: pesquisa linguística**. Rio Branco: FEM, 2006.

MODESTO, M. **Saudades ocultas na linha do horizonte: poesias**. Rio Branco: Bobgraf, 2012.

MODESTO, M. **Saudades tuas, saudades minhas: poesias**. Rio Branco: Bobgraf, 2013.

MARQUES, E; MODESTO, M. **Confidências...** Rio Branco: Preview Ltda, 2015.

Poetas Brasileiros de hoje. Shogun Editora e Arte Ltda. 1988.

SENADO FEDERAL. **Brava gente acreana: volume I**. Brasília. Gabinete do Senador Geraldo Mesquita Júnior, 2008.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Hucitec/Educ, 2000.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec/EDUC, 1997.